

Página Inicial

Agenda de Eventos

Especial - Acordo Ortográfico

Artigos

Artigos de IC

Blog

Reflexões sobre o ensino de línguas

Resenhas

Textos Literários

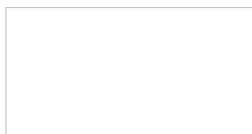
Edições Anteriores

Junte-se a nossa lista de e-mails!

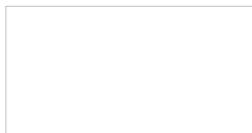
Email Address

Subscribe

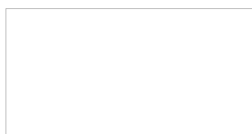
Veja também:



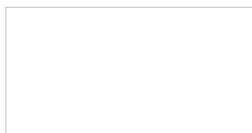
Instituto Matoso Câmara



Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec

OS SENTIDOS DA PALAVRA FRONTEIRA NO JORNALISMO FRONTEIRIÇO

Andréa F. Weber^[1]

Introdução

Atualmente, como explica Martins (2008), muitas das categorias tidas como periféricas estão sendo revalorizadas socialmente, seja no âmbito da política, da opinião pública ou dos estudos acadêmicos. É o caso da latinidade como identidade sócio-cultural, dos países em desenvolvimento como potências econômicas e das fronteiras como espaços estratégicos para seus territórios e para as relações políticas internacionais. Essa "otimização das margens", segundo o autor, é assimilada ou até promovida pelos próprios centros, em uma mudança de foco necessária para acompanhar as mudanças do mundo.

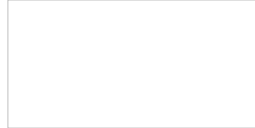
Tendo em vista essa nova perspectiva, temos concentrado nosso olhar em uma fronteira em particular: a dos países platinos. Ela agrega as divisas do Brasil com os outros países que compõem a Bacia do Rio da Prata (Uruguai, Argentina e Paraguai), os quais, devido à ligação pela própria bacia, tiveram sua história fortemente interligada desde o início da colonização sul-americana pelas atividades comerciais, bélicas e de povoamento (COLVERO, 2004; GARCIA, 2010).

Neste artigo, buscamos discutir como essa fronteira é discursivizada no jornalismo produzido na própria região fronteiriça. Mais especificamente, tentaremos analisar os significados produzidos para a noção de fronteira, a partir das "extensões" que esta atinge no discurso jornalístico. Sendo a fronteira um conceito móvel, capaz de incluir ou excluir o "outro lado" da linha divisória, pretendemos pensar como, ao representar a fronteira, o jornalismo, a uma só vez, produz e reflete os limites demarcatórios desenhados no imaginário social dos moradores dessa região.

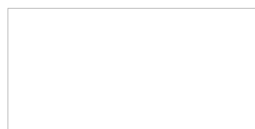
Para isso, efetuamos um recorte que destaca manchetes noticiosas do jornal *A Platéia*, da cidade de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul (RS). Santana do Livramento se localiza no extremo Sul desse estado, formando uma geminação^[2] urbana com a cidade de Rivera, no Uruguai. Livramento/Rivera foi o último ponto de delimitação e demarcação dos limites do território sul-brasileiro, as quais foram acordadas em sua totalidade apenas em 1923 (GARCIA, 2010). Atualmente, essas duas cidades estão entre as de mais intensa circulação de pessoas e mercadorias de toda a região fronteiriça brasileira, o que nos leva a crer que esse seja um espaço de grande produção discursiva sobre a fronteira e potencialmente representativo das demais cidades-gêmeas da fronteira do país.

O jornal *A Platéia*, com 74 anos de história, é o mais antigo jornal em circulação da fronteira do RS. Ele apresenta algumas características típicas do jornalismo fronteiriço, como a configuração multilíngüe, com textos em espanhol e português, as línguas nacionais de Uruguai e Brasil. Também possui, diferentemente da maioria dos jornais não-fronteiriços, uma circulação internacional e um público-leitor "estrangeiro". Por fim, outra característica do jornalismo fronteiriço, como explica Zamin (2008), é a de significar a fronteira como lugar de relações naturais com "o outro lado" e com o próprio país, ao contrário da mídia nacional que assinala freqüentemente os conflitos, criminalidade e marginalidade desse lugar periférico da nação. Assim, consideramos que um jornal como *A Platéia* é capaz de constituir uma materialidade lingüística adequada e produtiva para o estudo dos discursos que circulam na região fronteiriça, devido ao papel social do jornalismo como produtor e refletor dos interesses de seu público, especialmente pela proximidade que com ele mantém o jornalismo local.

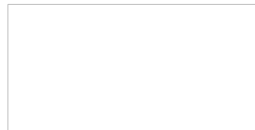
Escolhemos como enunciados, para esta análise, cinco manchetes (ou títulos) de notícias produzidas por *A Platéia* em 2010, por entendermos que elas constituem, ao mesmo tempo, uma condensação do conteúdo da notícia e um enunciado persuasivo, motivador para a leitura. As manchetes de nosso *corpus* foram selecionadas intencionalmente pela presença em sua materialidade lingüística das palavras fronteira e



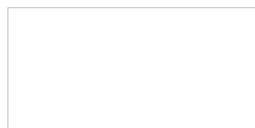
Comunidade dos Países de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos



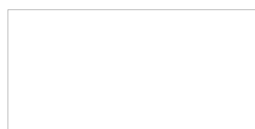
Domínio Público



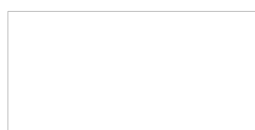
GEScom



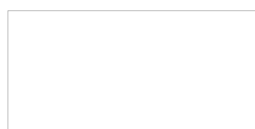
GETerm



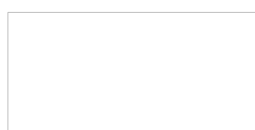
iLteC



Institut Ferdinand de Saussure



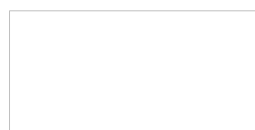
Letr[a]s.etc.br



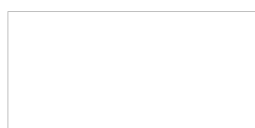
Portal da Língua Portuguesa



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!

fronteira/o.

Dessa maneira, ao buscar conhecer os significados de fronteira no jornalismo fronteiriço, estamos tentando entender as divisões políticas que se operam no imaginário social dos habitantes dessa região, que vivem imersos no paradoxo de integração e conflito que é característico do espaço da fronteira. Os sentidos produzidos pela linguagem em uso, sejam aqueles inscritos de maneira materialmente mais evidente ou aqueles contidos apenas na ordem da subentendimento são reveladores da por meio do diálogo com a Lingüística da Enuniação e com a Semântica Argumentativa, tentaremos nos aproximar desses sentidos a partir da análise dos seus postos, pressupostos e subentendidos, como veremos na seqüência.

Uma aproximação aos conceitos de pressuposição e subentendimento

Para entender os significados constituídos para a fronteira em jornais produzidos nessa região do RS, nos inscreveremos no eixo teórico da Lingüística da Enuniação, a qual se interessa por “todo mecanismo lingüístico cuja realização integra o seu próprio sentido e que se auto-referencia no uso” (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p.106). A enuniação, conforme conceito de Benveniste (1988), constitui um acontecimento único e irrepetível, configurado sempre em uma relação entre enunciador e enunciatário, a partir da qual o sujeito-enunciador se manifesta na linguagem.

Como mostra Benveniste (1988), toda enuniação, até mesmo os monólogos, demanda duas figuras em relação: o sujeito-enunciador e o seu interlocutor. Para a Lingüística da Enuniação, o sujeito-enunciador é a representação que o enunciado faz dele, a partir das marcas que esse sujeito deixa na materialidade lingüística ao enunciar (FLORES et al., 2009). Já o interlocutor pode assumir no discurso diferentes papéis, estando em situação de diálogo com o sujeito-enunciador ou sendo apenas uma imagem construída por este através de um processo de antecipação (ORLANDI, 2009).

Já para a Semântica Argumentativa, área de estudo que busca as relações entre significado e uso social, a significação dos enunciados se produz a partir de um componente exclusivamente lingüístico, mas seu sentido provém de um componente contextual, que aparece em um segundo momento (GOMES, 2006). Para essa autora, esse componente contextual na verdade consiste em uma antecipação do pensamento do interlocutor: é aquilo que o locutor pensa que o destinatário pensa, no momento em que o locutor emite seu enunciado.

A partir dessa divisão em componente lingüístico e componente contextual, como explica Gomes (2006), formam-se dois tipos de efeitos de sentido em um enunciado, a partir do daquilo que nele está *posto*: os *pressupostos* e os *subentendidos*. O posto e o pressuposto são parte do enunciado, são componentes lingüísticos, constituindo um sentido primeiro para aquele. São significados necessários. Já o subentendido reflete o componente contextual, isto é, “aquilo que o locutor pensa que o destinatário pensa”, tendo grande importância para esse processo de produção de sentido os aspectos circunstanciais, sociais, culturais e políticos envolvidos no momento da enuniação.

Ducrot (1987) distingue como sujeitos de um enunciado o enunciador e o locutor, os quais estão um para o outro assim como o personagem está para o autor em uma peça teatral. Neste estudo, porém, não adotaremos essa distinção, concentrando-nos na figura do sujeito-enunciador e dos interlocutores por ele projetados. Assim, consideramos que, nos jornais de nosso *corpus*, há um sujeito-enunciador fronteiriço, que ao enunciar na fronteira, já se significa dividido pelas línguas (STURZA, 2006) e pela sociologia peculiar da fronteira, fazendo escolhas políticas de inclusão e exclusão do país adjacente.

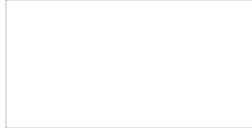
Cabe ainda outra distinção operada por Ducrot (1987): entre frase e enunciado. A frase seria um objeto teórico, não observável, de uso dos gramáticos, enquanto o enunciado trata de uma manifestação particular “aqui e agora” de uma frase, cujas características de coesão interna e independência externa determinam seu limite. Assim, a partir dessa definição, as manchetes noticiosas, neste estudo, constituem enunciados cuja delimitação foi operada pelo analista, em que se manifesta um sujeito-enunciador institucional que enuncia a partir do jornal, isto é, a partir de valores empresariais e jornalísticos, entre eles lucro, credibilidade, independência, imparcialidade, interesse público, verdade e compromisso com a comunidade.

Com relação aos interlocutores, no processo de enuniação mediado pelas páginas dos jornais, por estarem enunciador e interlocutor separados no tempo e no espaço, o interlocutor se revela na enuniação a partir das marcas que o sujeito-enunciador deixa sobre ele, conforme a construção que esse sujeito tem sobre seu público leitor.

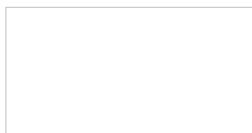
Assim, no item seguinte, procuraremos refletir sobre como a fronteira é representada nos jornais fronteiriços a partir da abrangência da significação da própria idéia de fronteira nos pressupostos e subentendidos constituídos lingüisticamente e contextualmente nos enunciados jornalísticos selecionados na fronteira do RS.

Pressupostos e subentendidos para “fronteira” no jornalismo fronteiriço

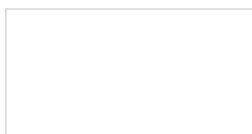
A partir de agora, apresentaremos cada enunciado e sua breve análise em itens separados, para nas considerações finais tecer uma discussão envolvendo a significação global de fronteira neles observada. É importante salientar que o sujeito-enunciador presente nas manchetes jornalísticas é aqui entendido sempre como brasileiro, pois enuncia de uma posição discursiva que o identifica como tal: enuncia em um jornal brasileiro e em língua portuguesa. Essas são as marcas deixadas pelo sujeito-enunciador,



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

que o associam ao Brasil, independentemente da verdadeira nacionalidade do sujeito (se uruguaio ou brasileiro).

A Fronteira também sonha com a Mega

Nesse enunciado, a palavra *também*, que indica inclusão, constrói como significado necessário o pressuposto de que há outras regiões não especificadas no enunciado que têm o mesmo sonho. No entanto, ao observarmos seu implícito, veremos que essas outras regiões não especificadas no pressuposto são demarcações político-territoriais do interior do Brasil. Isso porque o enunciado constitui um implícito relativo à fronteira de que esta corresponde ao lado brasileiro, afinal, a *Megasena* (reduzida no enunciado ao seu prefixo *Mega*) constitui uma loteria brasileira, vinculada ao governo federal do país.

Também, o uso apenas do prefixo *Mega*, em lugar de toda a palavra, já é indicativo da familiaridade do interlocutor com o tema, de modo a dispensar detalhes para conter os diversos sentidos possíveis (e ao mesmo tempo os sentidos imprecisos) que o prefixo isolado pode produzir. Essa familiaridade decorre do compartilhamento de um universo contextual tipicamente brasileiro. Temos assim, uma produção de sentidos, resultante da interseção de pressupostos e subentendidos, em que *Fronteira* exclui o lado uruguaio e se limita, portanto, ao “lado de cá” da linha divisória. Em outras palavras, o sujeito enunciativo projeta um interlocutor brasileiro, que pode, assim como outros brasileiros, também estar interessado em apostar na *Megasena*.

Enfim, a primavera chegou. Agora é tempo de cores e flores na Fronteira.

O advérbio *enfim* constrói como pressuposto a idéia de que a primavera demorou a chegar, de que ela era esperada ansiosamente nesse lugar fronteiriço. Do mesmo modo, o advérbio *agora*, formando uma cadeia argumentativa com o primeiro, apresenta como pressuposto a idéia de que a estação vivida na fronteira no momento da enunciação é a primavera. Por ter sido esperada com tanta ansiedade, pressupõe-se que o resultado da primavera, *cores e flores*, são efeitos positivos nesse ambiente fronteiriço.

Implicitamente, emerge a noção de que a primavera, por seus efeitos positivos, era esperada ansiosamente pelos fronteiriços, interlocutores do sujeito-enunciativo do jornal. Mas quem são os fronteiriços que aguardavam pela primeira? Nesse momento, os sentidos de fronteira são delimitados pela relação com a noção de clima: os dois lados da linha divisória compartilham uma mesma condição climática, logo, a primavera chegará aos dois lados simultaneamente. Assim, trata-se, nesse enunciado, de uma fronteira que inclui o Uruguai.

A Fronteira na torcida pela seleção

O enunciado exige uma remissão às suas condições de produção para seu entendimento: ele foi produzido em um período de copa do mundo e por isso a seqüência enunciativa *torcida pela seleção* tem seus sentidos constituídos a partir dos times nacionais que disputam a copa. Porém, embora seja enunciado em um lugar de fronteira, entre dois países participantes da copa do mundo, o enunciado faz pressupor a existência de uma única seleção a quem torcer. Qual seleção seria essa?

Implicitamente essa seleção pode ser interpretada tanto como a uruguaia como a brasileira, dependendo a qual lado da fronteira o sujeito enunciativo está se referindo e a despeito de seus interlocutores. Em um contexto fronteiriço de integração, é possível imaginar que, tendo sido o Brasil eliminado na disputa, brasileiros passem a torcer pela seleção uruguaia e vice-versa. A partir desse enunciado, portanto, sem acesso às condições imediatas de produção e sem o contexto lingüístico que segue à manchete, é impossível dizer se o sentido de *fronteira* inclui ou exclui o Uruguai.

Geadas do inverno gaúcho deixa a sua primeira marca nos fronteiriços

Temos, nesse enunciado, dois pressupostos importantes. O primeiro deles, constituído a partir do adjetivo *primeira*, pressupõe a existência de outras marcas, que virão depois desta, bem como de um estado anterior em que os fronteiriços ainda não estavam marcados. O segundo, e que mais nos interessa aqui, é de que esse inverno está bem delimitado em seus sentidos espaciais pela palavra *gaúcho*, freqüentemente usada no Brasil como sinônimo de rio-grandense.

Se o inverno é rio-grandense, implicitamente, os fronteiriços marcados por ele são os que habitam o Rio Grande do Sul, isto é, o lado brasileiro da linha divisória. O sujeito-enunciativo exclui os uruguaios dos efeitos de um fenômeno natural que possivelmente também os afetou, já que as condições climáticas não respeitam as divisões geopolíticas entre países. Nesse enunciado, a fronteira exclui os uruguaios ao associar os fronteiriços ao gentílico gaúcho.

Quatro minutos de pedras na Fronteira da Paz

Em primeiro lugar, o sentido de pedras só pode ser resgatado pela remissão às condições imediatas de produção desse enunciado. Seriam elas pedras de granizo? Seria um ataque com pedras? Caso os sentidos estejam relacionados às agressões, *pedras* formam uma antítese com a seqüência enunciativa *Fronteira da Paz*; caso estejam associados a fenômenos climáticos, a *Fronteira da Paz* é apenas um indicador geográfico para a sua ocorrência.

A seqüência lingüística *Fronteira da Paz* produz um pressuposto de que a

ocorrência das pedras se limitou a um ponto específico da fronteira assim denominado. E esse ponto é subentendido pelos interlocutores do sujeito-enunciador como a fronteira Santana do Livramento/Rivera, por sua história de integração e delimitação, que lhe rendeu esse título. O sujeito-enunciador sabe que seus interlocutores conhecem essa denominação e identificam a que fronteira ela se refere. Desse modo, por remeter às duas cidades fronteiriças, uma de cada lado da linha divisória, a noção de fronteira, nesse enunciado, inclui o Uruguai.

Considerações finais

Nos enunciados analisados, existe um subentendido que perpassa a todos eles e que está vinculado ao próprio espaço de enunciação do jornal: a fronteira neles mencionada corresponde sempre à fronteira entre Brasil e Uruguai e, mais especificamente, à fronteira entre Santana do Livramento e Rivera. Por isso mesmo, a designação *Fronteira* não aparece especificada. Em outro contexto ou com outros interlocutores, o enunciador poderia utilizar uma reescritura como *A fronteira Brasil/Uruguai, a fronteira RS/SC, a fronteira Uruguiana/Libres*, por exemplo. Ou seja, o sujeito-enunciador, que é fronteiriço, sabe que os interlocutores sabem de qual fronteira ele está falando.

Vemos também que o sujeito enunciador considera a fronteira uma região geopolítica, ao marcá-la sempre com inicial maiúscula, embora nas unidades geográficas oficiais do estado do RS (FEEdados 2011), os municípios da fronteira Sudoeste, entre os quais se inclui Santana do Livramento, integrem a chamada Região da Campanha. Logo, existe um imaginário social que se identifica mais a partir dos sentidos da divisão geopolítica com o país vizinho, “a fronteira”, do que com os sentidos históricos (lugar de empreitadas bélicas, laborais) e geográficos (pampa) de “campanha”.

No entanto, os significados de *Fronteira* adquirem diferentes nuances de acordo com os enunciados em que a palavra é mobilizada, podendo produzir sentidos de inclusão ou exclusão do outro lado – o Uruguai de um modo geral e Rivera especificamente-, já que o lugar de onde se fala é sempre o Brasil. Isto é, a posição de qual fala o sujeito enunciador é brasileira, logo, o lado brasileiro da fronteira é sempre subentendido na significação dos enunciados, sendo variável a inclusão do Uruguai nos limites da significação desse conceito. E esses limites são, em geral, produzidos pelos interlocutores tendo em vista os aspectos contextuais da enunciação. Assim, a abrangência dos significados de fronteira não é limitada no posto, mas em menor medida no pressuposto e mais freqüentemente apenas nos implícitos dos enunciados.

Os diferentes significados da palavra em uso, em oposição aos significados dicionarizados, mostram como a enunciação produz sentidos que só o aqui- agora são capazes de evidenciar, sendo os significados únicos e irrepetíveis para cada ato enunciativo. No caso dos diferentes sentidos presentes na enunciação da palavra *fronteira* em jornais fronteiriços, acreditamos que a flutuação desses sentidos seja um sinal da variedade de sentimentos em relação ao país vizinho que conformam o imaginário do sujeito fronteiriço brasileiro.

Referências

- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. São Paulo: Pontes, 1988.
- COLVERO, Ronaldo. *Negócios na madrugada: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF editora, 2004.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- FLORES, V.N; TEIXEIRA, M. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Enunciação e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FEEdados. *Fundação de Economia e Estatística do RS*. Disponível em <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/capa/index.php>. Acesso em 03/mar/2011.
- GARCIA, Fernando Cacciotore de. *Fronteira iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- GOMES, C.P. *Tendências da semântica lingüística*. Ijuí: Editora da Unijuí, 2003.
- MARTINS, Rui Cunha. *O método da fronteira: radiografia histórica de um dispositivo contemporâneo (matrizes ibéricas e americanas)*. Coimbra: Edições Alamedinas, 2008.
- Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas. *Cartilha do Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira* – PDF, 2009. Disponível http://www.mi.gov.br/programasregionais/publicacoes/faixa_de_frenteira.asp. Acesso 03/mar/2010.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

STURZA, E. *Línguas de fronteiras e política de línguas: uma história das idéias lingüísticas*. Tese (doutorado em Lingüística). Instituto de estudos da linguagem. UNICAMP. Campinas-SP, 2006.

ZAMIN, A. M. *A discursivização do local-fronteira no jornalismo: estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias*. Dissertação (mestrado em Ciências da Comunicação). São Leopoldo, Unisinos, 2008.

[1] Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM. e-mail: af_weber@yahoo.com.br

[2] Rivera (Uy) e Santana do Livramento (Br) são classificadas como cidades-gêmeas, isto é, “localidades fronteiriças vinculadas”, “cidades contíguas”, “adensamentos populacionais cortados pela linha divisória”, de acordo com Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas. Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDFF, 2009.

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.